

# humanitas

Vol. LIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HVMANITAS

Vol. LVIX - MMVII



que o divorcio entre Humanismo e Ciência, inspirado pelo facilismo e falsa modernidade da educação contemporânea, não se justifica, a menos que obedeça a razões obscuras, preocupadas em enfraquecer o legado cultural que formou a Europa e o Ocidente. As dificuldades cada vez maiores sentidas na investigação do passado, quando se tornam necessários conhecimentos especializados, linguísticos ou técnicos, reflectem-se na raridade crescente de obras como a que Sousa Leitão nos ofereceu, exemplo da frutuosa parceria, a desenvolver vigorosamente, entre a Marinha e a Universidade. Que a sua leitura estimule outros a prosseguirem esta linha de rumo, com a qual todos beneficiamos.

VASCO GIL MANTAS

LÓPEZ MOREDA, Santiago, *La elegancia en la lengua latina. Semántica, retórica y gramática*, Madrid, Ediciones Clásicas, 2006, 186 pp. ISBN: 84-7882-592-4.

Um dos principais labores da Filologia ao longo do último século, e muito particularmente da segunda metade do século passado, tem sido a de procurar definir com rigor os termos e conceitos-chave frequentemente recorrentes na cultura ocidental que podem ser considerados como parte integrante do património linguístico mundial.

E nestas águas que navega esta obra do eminente especialista em retórica que é Santiago López Moreda. Como o próprio A. definiu na introdução, "o objectivo deste trabalho de investigação é o de analisar o significado e a evolução do termo [*elegantia*], desde as suas origens até à aparição das gramáticas racionalistas no século XVI<sup>o</sup>.

A investigação percorre três vias bem estruturadas: a comparati-vo-etimológica, que é fundamentalmente linguística e se situa num plano paradigmático; a do emprego do termo, para fixar a história da palavra, a partir de uma vertente mais sintagmática de incidência semântica e diacrónica; e da análise sincrónica para clarificar os diferentes significados.

Assim sendo, o A. começa por delimitar o significado original do termo *elegantia* partindo da análise etimológica, da oposição entre termos que funcionam dentro do mesmo campo semântico e das associações lexicais e sintagmáticas.

Apoiado constantemente nas doutrinas de grandes vultos da Linguística Geral, o A. não só demonstra um bom e seguro domínio da teoria linguística como faz radicar nesta as bases da sua investigação conferindo-lhe assim as imprescin-

díveis qualidades de actualidade e precisão científica. Fundamenta a sua análise numa vasta panóplia de textos dos mais variados autores clássicos, medievais e renascentistas, o que, só por si, revela o ingente labor deste trabalho e o aturado empenho que o A. pôs nesta obra.

O termo em causa leva os leitores a fazerem uma bela e bem agradável viagem pelo conceito de elegância linguística, literária, retórica, oratória e estética, em geral, na Antiguidade.

A competência do A. no domínio da linguística moderna e da retórica clássica permite ao leitor verificar como os grandes teorizadores latinos já conheciam e eram extremamente sensíveis a conceitos linguísticos que hoje são conhecidos pela terminologia que os cientistas do século XX criaram: as designações eram outras, mas os conceitos eram sensivelmente os mesmos. Daí também a actualidade do conceito latino de elegância nos actuais domínio linguístico, literário, retórico e oratório.

Fina e perspicaz é também a análise que o A. faz da teorização gramatical e do ensino da língua latina na Idade Média e do conceito de elegância nas *Artes dictandi* medievais.

Um dos maiores capítulos, porém, é dedicado à época do Humanismo Renascentista.

Depois de uma breve descrição do processo evolutivo da teorização linguística e literária, culminando com a doutrina inovadora de Lorenzo Valla, o A. estuda o conceito de *proprietas verborum* tal como tinha sido definido por Valla, enquadrando-o, por sua vez, numa perspectiva diacrónica - opondo-o sobretudo ao antigo conceito de *latinitas* - e linguística, para o analisar em função do conceito de *elegantia*. Com efeito, a «atitude historicista» de Valla determina que é a «*proprietas* da palavra - tanto no plano sintagmático, como no paradigmático -, que garante a *elegantia*.

Por sua vez, a *proprietas* é que permite alcançar o conhecimento linguístico, indispensável para se chegar ao saber, «seja ele filosófico, teológico, jurídico ou linguístico».

E o A. conclui dizendo:

Como conclusión de lo dicho hasta aquí, para llegar a la *elegantia* se da un proceso que inicia las *latinitas* y continúa la *proprietas verborum*. En la base de la *latinitas* interviene la *ratio* de manera principal y en menor medida la *vetustas*, la *consuetudo* y la *auctoritas*. En la base de la *proprietas* interviene la etimología o mejor *notatio*, ya que es precisamente la «marca» la nota distintiva o rasgo semántico que establece las diferencias significativas. El resultado de todo este proceso resulta evidente: una vez que la lengua está libre de vicios y se ha establecido el significado

exacto de un término, la *auctóritas*, que dan la *consuetudo* y sobre todo la *vetustas*, proporciona la elegancia.

Depois de tratar do problema da dicotomia uso-norma, o A. discute o emprego dos recursos retóricos enquanto meios para "lograr una prosa y oratoria elegantes", sempre numa perspectiva diacrónica da evolução doutrinal, concluindo o capítulo com uma reflexão sobre a elegância gramatical.

O penúltimo capítulo é dedicado aos continuadores de Valia - Pastrana, Nebrija, João Vaz, Niccolò Perotti, Erasmo - e à sua recepção em Espanha. O capítulo final trata dos gramáticos que se situam já na transição para as gramáticas racionais (Tomás Linacro e J. C. Escalígero).

Podemos dizer que se trata de uma obra imprescindível para o estudo da gramática e da retórica latinas, para a história do estudo científico da Linguística e um valioso contributo para uma definição mais precisa da terminologia latina destas vastas áreas de estudo.

Fazem-nos falta estudos deste género que clarifiquem, desde a Antiguidade até ao presente, os conceitos mais importantes da cultura greco-romana e estudem a respectiva polissemia, tanto no plano paradigmático, como no sintagmático, e numa perspectiva sincrónica e diacrónica, tal como Santiago López Moreda o fez, de forma exemplar, relativamente ao conceito de *elegantia*. É neste âmbito que saudamos vivamente a publicação desta obra.

ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO REBELO

MIRANDA, Maria Margarida Lopes de, *Teatro nos colégios dos jesuítas. A Tragédia de Acab de Miguel Venegas e o início de um género dramático* (século XVI), Lisboa, FCG/FCT, 2006, 756 pp. ISBN: 972-31-1168-3.

As tragédias bíblicas neolatinas de Miguel Venegas, representadas pela primeira vez em Coimbra, no Colégio das Artes, entre 1559 e 1562, deram início ao teatro jesuítico, de características trágicas, sacras, bíblicas, musicais e profundamente retóricas — na linha do teatro escolar de tema bíblico que se praticava nos Colégios europeus, como afirma Américo da Costa Ramalho, no Prefácio a esta obra: «A actividade dos jesuítas no Colégio das Artes de Coimbra não difere muito daquela do corpo docente inicial, composto pelos companheiros de André de Gouveia, com ele vindos de França em 1547. Os programas são praticamente os mesmos com forte predominância das obras pagãs da Literatura Latina. E o nível de qualidade e exigência do ensino não é inferior ao dos professores iniciais. A própria prática do teatro latino vinha já deles».